

Editorial

A Carta aos Romanos

The Letter to the Romans

Heitor Carlos Santos Utrini

O livro dos Atos dos Apóstolos oferece um retrato do apóstolo Paulo a partir do perfil de um incansável missionário que estava disposto a tudo para levar adiante a Palavra. Em suas viagens missionárias, ia fundando comunidades com as quais continuava a manter um vínculo de afeto e de dedicação constantes. Num curto espaço de tempo, graças à sua coragem apostólica, em toda a Ásia Menor – ao menos nas principais cidades como Perge, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe – foram estabelecidas comunidades formadas predominantemente por étnico-cristãos.

Também é graças a ele que se registra a chegada do evangelho à Europa. Do porto de Trôade, ele parte para Filipos e vai descendo para Tessalônica, Bereia, Atenas, Corinto até chegar finalmente em Éfeso. Paulo tinha o desejo de ir até os confins do mundo para anunciar o Evangelho. Seu sonho era ir até a Espanha, mas os Atos não registram esse acontecimento¹.

Para alcançar esse objetivo, a passagem por Roma seria obrigatória. A estratégia missionária de Paulo compreendia a criação de comunidades em grandes centros comerciais e políticos. Uma vez que o fluxo de pessoas nesses lugares era grande, a possibilidade de o evangelho ser levado adiante seria muito maior. Entretanto, não é Paulo quem funda a comunidade cristã na Urbe.

Não se sabe a quem se deve o mérito de ter levado o evangelho à capital do Império. Os Atos relatam que, por ocasião de Pentecostes, estavam em Jerusalém pessoas provenientes de todas as partes do mundo antigo, dentre os quais, “romanos que aqui residem” (At 2,10), mas não se pode afirmar que teriam sido eles os

¹ S. Jerônimo em sua obra *De viris illustribus* V, 5 afirma que esse objetivo teria sido alcançado. Segundo ele, quando Paulo foi levado como prisioneiro para Roma, teria ele sido absolvido por Nero e partido para o Oeste. Contudo, após essa viagem, teria sido novamente preso e submetido a novo julgamento que culminou com sua decapitação.

responsáveis pela criação da comunidade cristã em Roma. O fato é que Paulo sabia da existência de um grupo cristão ali estabelecido e se dirige a ele na esperança de angariar apoio para seu projeto missionário.

A comunidade cristã romana era marcada por um ambiente profundamente plural e – seguramente – tenso. São inúmeros os testemunhos antigos que falam da abundante presença judaica na cidade². É muito provável que a primeira comunidade cristã mantivesse estreitos laços com a sinagoga. Isso se percebe pela ênfase particular da argumentação paulina a partir de testemunhos escriturístico³, que guarda certas semelhanças com o discurso de Pedro na manhã de Pentecostes (At 2,14-36). Certos temas presentes em outras cartas autênticas, dirigidas a um público majoritariamente pagão – como é o caso da preexistência de Cristo (Fl 2,6) – não figuram em Romanos. As disputas acerca da messianidade de Cristo eram certamente um tema candente e explosivo em Roma⁴.

Por outro lado, a comunidade cristã também acolhia em seu seio inúmeros pagãos convertidos e estes deviam ser a maioria. Sabe-se que a convivência entre esses dois grupos não foi pacífica (At 15,1-29; Gl 2,11-14), razão pela qual Paulo deveria se comportar com profundo respeito e prudência. Qualquer movimento em falso teria comprometido o seu acolhimento pelos cristãos daquela importante cidade.

Alessandro Sacchi sugere que apesar de ser composta de maioria de étnico-cristãos, é provável que a comunidade romana mantivesse a tendência de um judeu-cristianismo moderado, ou seja, os judeus continuavam a praticar a circuncisão e as normas mosaicas, enquanto os pagãos observariam aquelas regras alimentares mais significativas, conforme estabelecido em At 15,28-29⁵.

Normalmente a carta é dividida em dois grandes blocos, precedidos por uma saudação (Rm 1,1-15) e sucedidos por um longo epílogo (Rm 15,14–16,27). A primeira grande parte (1,16–11,36) é dominada por temas doutrinários. Depois de apresentar o tema da justificação (Rm 1,16–4,25), o Apóstolo fala sobre a salvação (Rm 5,1–11,36).

² Estima-se que houvesse entre 20.000 a 50.000 judeus em Roma no séc. I d.C. Eles ali se estabeleceram sobretudo após a conquista da Palestina por parte de Pompeu no ano 63 a.C. (SACCHI, A., *Lettere Paoline e Altre Lettere*, p. 172).

³ Os exemplos de Abraão (Rm 4) e Adão (Rm 5) ilustram o que acima foi dito.

⁴ Relatos históricos da época atestam que o imperador Cláudio teria expulsado os judeus de Roma por causa das desordens que estavam causando na cidade por causa de um tal “Chresto”. Suetônio (Claudius, V, 25,4) escreve: *Iudaeos impulsore Chresto assidue tumultuantis Roma expulit* (tr.: *Os judeus que tumultuavam continuamente por instigação de um certo Chresto, ele [= Cláudio] os expulsou de Roma*). A palavra grega Chrestos significa “útil” e era bastante usada, por exemplo, para nomear escravos. Mas o mais provável é que Cláudio tenha entendido errado a palavra “Christos”, “ungido”, que no contexto pagão não possuía qualquer significado especial. Assim sendo, os desentendimentos a respeito da messianidade de Jesus eram frequentes nas sinagogas e muitos judeus chegavam às vias de fato causando perturbação à vida pública.

⁵ SACCHI, A., *Lettere Paoline e Altre Lettere*, p. 174.

Rm 12,1–15,13 é a parte parenética na qual ele apresenta as conclusões práticas da doutrina precedentemente apresentada.

O evangelho pregado por Paulo parte da apresentação da condição em que a humanidade se encontrava antes da redenção mediante o sacrifício de Cristo. O retrato pintado pelo Apóstolo é feito com tons dramáticos. Os pagãos não podem alegar inocência diante de Deus, uma vez que, orgulhando-se da aguda inteligência, “se perderam em vãos arrazoados, e seu coração insensato ficou nas trevas” (Rm 1,21), entregando-se a paixões desordenadas (Rm 1,24.26) e trocando o Criador pelas criaturas (Rm 1,19-21).

Por outro lado, a situação dos judeus não é menos grave, pois apesar de conhecerem a vontade de Deus que se manifesta na Lei, o povo eleito constantemente a transgredir, tornando-se assim igualmente culpado diante de Deus. Dessa maneira, o veredito é peremptório: “todos, tanto os judeus como os gregos, estão debaixo do pecado” (Rm 3,9.23).

Com toda justiça, Deus poderia manifestar a sua ira diante da impiedade humana (Rm 1,18). Mas eis que, surpreendentemente, “se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela Lei e pelos Profetas, justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem” (Rm 3,21-22). Em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus, os homens são justificados gratuitamente: a amizade perdida é refeita mediante o sangue do Redentor.

É então que Paulo passa do tema da ira divina, para a paz com Deus: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5,1). Esta é a nova condição daquele que pela fé aderiu a Cristo e por meio dele foi reconciliado com Deus. O amor de Deus que se manifestou no envio do Filho, agora foi derramado nos corações dos fiéis mediante o Espírito que lhes foi dado (Rm 5,5). Aqueles que foram justificados mediante a fé, tanto judeus como gregos, olham adiante e já vislumbram a salvação que lhes foi prometida (Rm 8,28-30).

A essa rica argumentação doutrinal, Paulo ainda acrescenta uma série de conclusões práticas que ajudam seus leitores a viverem o evangelho por ele anunciado. A graça de Cristo deve necessariamente produzir no fiel determinados frutos, dentre os quais, a unidade (Rm 12,4-8) e o amor (Rm 12,9; 13,8-10), que deve se dirigir inclusive aos inimigos (Rm 12,14). Na convivência comunitária, Paulo exorta os cristãos a não dividirem ou escandalizarem a igreja por causa de questões relacionadas à dieta (14,1-23). A lei suprema é o bem do próximo: “É bom se abster de carne, de vinho e de tudo o que seja causa de tropeço, de queda ou de enfraquecimento para teu irmão” (Rm 14,21). Como se percebe, a Carta aos Romanos traz o núcleo do pensamento paulino. Suas ideias aqui são mais bem elaboradas e sua argumentação é calma e convincente. Teria ele conseguido angariar a simpatia da comunidade cristã de Roma? Segundo os Atos dos Apóstolos, quando ele ali chegou por ocasião de sua prisão, foi recebido nas portas da

cidade por alguns irmãos (At 28,15). Ademais, ainda somos informados de que ele ali permaneceu por dois anos inteiros “proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo com toda a intrepidez e sem impedimento” (At 28,30-31). Conhecer a Carta aos Romanos é perscrutar as profundezas do pensamento paulino e conhecer a riqueza de seu Evangelho. Que o fruto desse dossiê de ReBiblica seja um maior conhecimento de Deus por meio de Cristo, a quem “seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amém” (Rm 16,27).

Referências bibliográficas

St. JEROME. **De Viris Illustribus** [On Illustrious Men], translated by Thomas P. Halton. Washington D. C.: The Catholic University of America Press, 1999.

SACCHI, Alessandro. **Lettere Paoline e Altre Lettere**. Torino: Elle Di Ci, 1996.

SUETONIUS. The lives of the Caesars, vol. II (Books V-VIII), with an English translation by J. C. Rolfe. In: PAGE, T. E. (ed.) **The Loeb Classical Library**. London; Massachusetts: William Heinemann Ltd; Harvard University Press, 1959.

Heitor Carlos Santos Utrini

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università S. Tomás de Aquino –
“Angelicum” (Roma)

Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Editor-Chefe de ReBiblica

Rio de Janeiro/RJ – Brasil

Email: hcsutrini@puc-rio.br